

A COMUNICAÇÃO NA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA SINGULARIDADE

JOÃO JERÓNIMO MACHADINHA MAIA¹

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade têm sido comuns os relatos da ocorrência de fenómenos aéreos cuja explicação escapa à racionalidade do conhecimento humano. São fenómenos que nos surpreendem pela sua transversalidade histórica e cultural sendo que as justificações relacionadas com objetos naturais e com artefactos construídos pelo ser humano revelam-se, em alguns casos, simplistas e desligadas de toda a complexidade dos relatos. Não raras vezes, é mesmo relatado o contato de seres humanos com outras entidades. Neste sentido, sempre tem havido a preocupação de enquadrar estes fenómenos dentro de quadros explicativos mais estruturados. É comum associar-se a eles manifestações divinas ou, mais recentemente, do ponto de vista histórico, a intervenção de seres extraterrestres. Claro está que se pode colocar a questão se estes quadros explicativos não estarão desde logo associados à cultura dominante, na época e no espaço da ocorrência, e se eles próprios não refletem também as relações sociais dominantes do ponto de vista político-ideológico e do ponto de vista económico. Os meios de comunicação social e os *mass media*, em geral, ao serem convocados para o relato e para a representação destes fenómenos correm o risco de se comportarem como veículos de reprodução social se não se distanciarem do discurso estandardizado, desconstruindo, perante a verdade dos factos, ideias pré-concebidas que são veiculadas publicamente.

Assim, como objetivos deste artigo, começamos por tomar como exemplo paradigmático, neste âmbito, o fenómeno das aparições de Fátima, em Portugal, e em especial a reportagem jornalística do chamado “milagre do sol”. As narrativas explicativas que surgiram e que têm vindo a surgir, relacionadas com este fenómeno, realçam do ponto de vista da análise fenomenológica as ordens simbólicas dominantes em cada tempo. Fundamentaremos esta ideia com base nos trabalhos de vultos da fenomenologia, nos seus cruzamentos entre a filosofia, a antropologia e a sociologia. Em particular, dissecaremos os simbolismos e as ordens discursivas que passam de forma hegemónica na comunicação de massas dos nossos dias como forma de desvendar estereótipos e preconceitos encobertos nos pro-

1 Doutorando em Estudos Contemporâneos; Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Universidade de Coimbra)

dutos de entretenimento e de informação. Finalmente, ao desenvolvermos a abordagem multidisciplinar do estudo fenomenológico daquilo a que muitos convencionaram chamar de “fenómeno O.V.N.I.”, introduzimos a necessidade da cobertura jornalística, neste tipo de casos, se salvaguardar de vários referenciais de análise e de uma postura crítica. Isto porque a ultrapassagem da visão socialmente e individualmente construída dos fenómenos remete-nos para um espaço de incerteza e de desconhecimento com o qual teremos de lidar com uma postura de humildade intelectual e científica.

2. “COMO O SOL BAILOU AO MEIO-DIA EM FÁTIMA”

O fenómeno das aparições marianas, embora não seja exclusivo de Fátima, causou, no entanto, grande repercussão a partir desta localidade portuguesa. O contato que os três pastorinhos (Lúcia, Francisco e Jacinta) mantiveram entre o dia 13 de maio e o dia 13 de outubro de 1917 com uma entidade, oficialmente declarada como sendo a Virgem Maria, constituiu um dos fenómenos de maior impacte, a vários níveis, na história contemporânea da sociedade portuguesa como também no plano internacional. Não esqueçamos que Fátima é englobada como peça-chave de toda uma narrativa messiânica de luta contra o comunismo soviético levada a cabo pela Igreja Católica, em especial pelo Papa João Paulo II, na segunda metade do século XX (Dem, 1998). Mas o santuário construído no local das aparições também se tem revelado ao longo das décadas como local de peregrinação e de devoção para milhões de pessoas vindas de todo o mundo que ali cumprem as mais variadas missões em termos de natureza e de objeto. Um dos fatores que possibilitou a este fenómeno uma grande popularidade acompanhada de credibilidade foi precisamente o facto de o último dia das aparições ter contado no local com dezenas de milhares de testemunhas que terão presenciado o chamado “milagre do sol”. Avelino de Almeida, jornalista e enviado especial do jornal *O Século*, ao local, teve a oportunidade de relatar, na reportagem que escreveu para o seu jornal, um ambiente único naquele dia de outono na Cova da Iria. De referir que este jornal português tinha uma matriz republicana e laica. O jornalista, no texto que escreveu intitulado “Como o Sol bailou ao meio-dia em Fátima”, publicado em *O Século*, descreve uma multidão de trinta ou quarenta mil pessoas de diferentes proveniências geográficas e sociais que se aglutinava, no local das aparições, de forma a tentar presenciar a graça divina (Almeida, 1917). Foi um dia que começara por ser muito nublado e com uma chuva intensa, algo que depressa se alteraria. A transcrição que se segue, do relato do fenómeno, é desde logo relevante porque chama a atenção para a variedade de experiências observadas entre diferentes pessoas que estavam no local:

E assiste-se então a um espetáculo único e inacreditável para quem não foi testemunha d’ele. Do cimo da estrada, onde se aglomeram os carros e se conservam muitas centenas de pessoas, a quem escasseou valor para se meter à terra barrenta, vê-se toda a imensa multidão voltar-se para o sol, que se mostra liberto de nuvens, no zenit. O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fitar-lhe o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-hia estar-se realizando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta, e aos espectadores que

se encontram mais perto se ouve gritar: «Milagre, milagre. Maravilha, maravilha!» Aos olhos deslumbrados d'aquela povo, cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos e que, pálido de assombro, com a cabeça descoberta, encara o azul, o sol tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos fóra de todas as leis cósmicas – o sol «bailou», segundo a típica expressão dos camponeses... Empoleirado no estribo do auto-omnibus de Torres Novas, um ancião cuja estatura e cuja fisionomia, ao mesmo tempo doce e enérgica, lembram as de Paul Déroulède, recita, voltado para o sol, em voz clamorosa, de princípio a fim, o Credo. Pergunte quem é e dizem-se ser o Sr. João Maria Amado de Melo Ramalho da Cunha de Vasconcelos. Vejo-o depois dirigir-se aos que o rodeiam, e que se conservaram de chapéu na cabeça, suplicando-lhes, veementemente, que se descubram em face de tão extraordinária demonstração da existência de Deus. Cenas idênticas repetem-se n'outros pontos e uma senhora clama, banhada em aflitivo pranto e quase n'uma sufocação: «Que lastima! Ainda ha homens que não se descobrem deante de tão estupendo milagre!» E, a seguir, perguntam uns aos outros se viram e o que viram. O maior numero confessa que viu a tremura, o bailado do sol; outros, porém, declaram ter visto o rosto risonho da propria Virgem, juram que o sol girou sobre si mesmo como uma roda de fogo de artifício, que ele baixou quasi a ponto de queimar a terra com os seus raios... Há quem diga que o viu sucessivamente mudar de côr... (idem, pp.3/4).

Uma leitura minimamente atenta desta transcrição permite-nos perceber que, desde uma fase inicial dos eventos, o jornalista assume que a sua visão dos acontecimentos não corresponde à visão de muitas das pessoas presentes no local. Avelino Ferreira, tal como a grande maioria das testemunhas, terá conseguido olhar para o sol, que aparecia numa forma alterada dado que em condições normais o olhar direto para aquele astro cegaria qualquer ser humano. No entanto, o bailado do sol, nomeadamente nas suas incursões mais ousadas, foi apenas registrado pelo jornalista através dos testemunhos de outros indivíduos presentes no local embora ele tivesse notado nas pessoas reações físicas e verbais aos supostos movimentos. Ainda assim, os relatos também não foram consensuais, nesta matéria, entre a multidão. Entre aqueles que viram “apenas” um bailado do sol e aqueles que viram o astro-rei quase a baixar à terra, houve quem afirmasse ter distinguido a aparição de figuras religiosas durante o fenómeno.

Avelino Ferreira não foi a única testemunha do fenómeno que se encontrava no local com intuítos profissionais. Almeida Garrett, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, foi também um dos que se dirigiu à Cova da Iria com o objetivo de comprovar os relatos sobre as aparições de Fátima. Naquilo que são citações diretas do testemunho deste académico, é possível desde logo corroborar a observação de que o sol começou por aparecer de forma inofensiva ao olhar humano. O cientista descreveu o objeto como: “Parecia um disco de matéria polida, como que cortado na madrepérola de uma concha” (Garrett in Dem, 1998, p.18). Não deixou também de assinalar que o fenómeno tinha características distintas de um eclipse solar. Segundo ele, durante a observação do facto descrito, a paisagem escureceu num tom violeta não deixando, no entanto, a atmosfera de continuar transparente até ao limite do horizonte e vendo-se claramente. O tom violeta haveria ainda de se esbater para se alterar para uma cor amarelada que se refletia nas pessoas dando a

ideia de que todos sofreriam de icterícia (idem). O Dr. Almeida Garrett termina o seu testemunho referindo:

Todos os fenómenos que aqui descrevi foram por mim observados com calma e serenidade, sem emoção nem inquietação. Compete a outros explicá-los ou interpretá-los. Para terminar, devo declarar que nunca, nem antes nem depois de 13 de Outubro, constatei fenómenos solares ou atmosféricos deste género (idem, p.19).

Os elementos respeitantes à diversidade de relatos do milagre do sol não deixam de ter paralelismos com as próprias aparições passadas com os três pastorinhos. Segundo aquilo que é do domínio público, cada um dos pastorinhos terá tido contato com a entidade num nível próprio de comunicação. Lúcia terá sido a única dos três a ter tido a experiência completa de interação uma vez que via, ouvia e falava com a entidade enquanto que Jacinta só via e ouvia e Francisco só via.

O facto de tanto as aparições como o denominado milagre do sol terem variações nos relatos das experiências individuais, mas, ainda assim, recorrem de forma alargada à alusão de figuras da religião católica, credo dominante em Portugal, realça domínios de subjetividade e de intersubjetividade presentes nestas experiências que, quanto a nós, como veremos ao longo deste artigo, são motivo para profundo debate filosófico e científico, implicando as dimensões éticas do trabalho da comunicação social.

3. A FENOMENOLOGIA E AS NARRATIVAS TIPIFICADAS

Apesar dos esforços de laicização da sociedade portuguesa por parte da I República, Portugal continuava ainda a ser, aquando das aparições de Fátima, um país predominantemente rural com uma forte influência religiosa e cultural por parte da Igreja Católica junto das populações. Neste quadro, não espanta que a ocorrência de fenómenos tão anómalos tenha produzido de forma quase imediata, ao nível da generalidade das pessoas, a associação a manifestações de natureza divina. Com o passar dos anos a hierarquia católica também sedimentou à volta de Fátima uma estrutura institucional e uma narrativa de carácter religioso que levaram à consolidação deste sítio como local de peregrinação e de fé. O facto de passados poucos anos, após as aparições, se ter entrado em Portugal num regime político ditatorial que haveria de se fundar numa matriz ideológica nacional-católica, perdurando durante várias décadas, fez com que no nosso país a natureza dos fenómenos de Fátima não tivesse tido discussão possível, pelo menos no espaço público, durante vários anos. Foi só com os primeiros anos da democracia, instaurada na revolução de 25 de abril de 1974, que começaram a aparecer estudos que traziam outras hipóteses sobre aquilo que realmente ocorrera em 1917 na Cova da Iria.

Entre os investigadores que ganharam alguma notoriedade neste plano está a historiadora Fina d'Armada. No seu livro de 1980 "Fátima: o que se passou em 1917", Fina D'Armada co-

loca em debate a identidade e a proveniência da entidade que aparecera aos pastorinhos durante aqueles meses na Cova da Iria. Socorrendo-se dos depoimentos de Lúcia durante os interrogatórios feitos aos pastorinhos e dos próprios escritos da “vidente” de Fátima, elaborados nos anos seguintes, a historiadora portuguesa afirma que em nenhum momento a entidade das aparições disse aos pastorinhos ser a Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo. A denominação utilizada pela entidade para se identificar terá sido “Nossa Senhora do Rosário”. Aliás, Lúcia terá mesmo confessado a dificuldade em se lembrar se a entidade terá dito “Sou a Nossa Senhora do Rosário” ou se lhe terá pedido simplesmente para construir naquele local uma capela em honra de Nossa Senhora do Rosário (Armada, 1980). Certo é que quando Lúcia lhe perguntou de onde vinha ela, a entidade limitou-se a apontar para cima e a dizer “O meu lugar é o céu” (idem, p.86).

Neste quadro, Fina D’Armada destaca a controvérsia em relação a quem terá aparecido aos pastorinhos e relaciona estes contatos e o fenómeno do milagre do sol, em termos de similaridades existentes, com os famosos relatos de contatos entre seres humanos, O.V.N.I.S. e entidades alienígenas de que temos ouvido falar nos nossos tempos. É uma tese que a historiadora desenvolveu em trabalhos posteriores levados a cabo juntamente com o também historiador português Joaquim Fernandes (Armada e Fernandes, 1982). É verdade que as conversas decorridas entre a entidade e Lúcia, durante as aparições, são bem mais vastas do que os excertos e comentários aqui apresentados. É incontornável que estão cheias de mensagens religiosas e de penitência perante os perigos de punição divina da humanidade. No entanto, como refere Auguste Meessen (2003), físico da Universidade Católica de Louvain, isto coloca a questão da natureza da divindade presente. Temos um Deus todo misericordioso que nos ama ou um Deus severo que nos castiga, fazendo lembrar os textos do antigo testamento anteriores à cristandade? Como afirma Joaquim Fernandes (2003), a tradição mariana popular do catolicismo está sedimentada nos cultos matriarcais neolíticos daí a importância de perceber a sua génese fenomenológica. Aliás, nas últimas décadas, Joaquim Fernandes tem mesmo dirigido um grupo de investigação ligado à Universidade Fernando Pessoa, no Porto, que estuda fenómenos aéreos anómalos que vão ocorrendo no território português. Ainda assim, na produção científica que este grupo tem desenvolvido (muita dela em colaboração com investigadores de instituições internacionais prestigiadas) tem havido a preocupação de não colar de forma imediata, ao estudo do fenómeno O.V.N.I., a conotação extraterrestre. Isto obedece a uma postura de cautela intelectual e científica que percebe que a conotação extraterrestre, do fenómeno O.V.N.I. e dos contatos com outras entidades, pode ter a mesma natureza interpretativa da conotação religiosa. Manuel Curado (2009), docente da Universidade do Minho, ao abordar “a filosofia dos O.V.N.I.S.” coloca o relato dos encontros imediatos na sequência das narrativas mitológicas e religiosas sendo os ET’s novas formas dos seres celestiais ou sobrenaturais que contactam com os humanos. Na difusão desta nova narrativa científico-tecnológica está a indústria de entretenimento de massas e as suas formas de recriar o ser humano e o seu enquadramento no universo.

Neste sentido, Ryan Cook (2003), antropólogo da Universidade de Chicago, destaca quatro fatores que contribuíram para o crescimento da credibilidade da ideia do contato de seres humanos com seres de outros mundos em diversos setores da sociedade ocidental, durante o último século: (1) a proliferação da alta tecnologia de informação e de transportes que fez crescer os fluxos de bens, informação e pessoas; (2) a influência do conhecimento científico e dos especialistas não só através da eficácia das descobertas científicas aplicadas mas também através do apoio estatal e das comunicações, facilitando o acesso da informação a não-especialistas; (3) o crescimento de movimentos de novas religiões abertas à influência de tradições e conhecimentos científicos incluindo aqueles que incorporam extraterrestres e O.V.N.I.S.; (4) a profusão de histórias e relatos de contatos começados em meados do séc. XX e tornados plausíveis pela popularidade da ficção científica, pela exploração espacial (num contexto de Guerra Fria e de ataque iminente do inimigo) e pela emergência de investigadores tentando constituir a ovniologia como campo de estudos.

Os aspetos das aparições de Fátima e dos contatos, com supostas entidades de outra esfera da realidade, aqui teorizados, realçam a dimensão fenomenológica em que este tipo de fenómenos é interpretado tendo por base a subjetividade da realidade assente em construções linguísticas. Para Alfred Schutz, um dos percursores do estudo fenomenológico da intersubjetividade, o trágico da linguagem é a impossibilidade de captar na totalidade o mundo da experiência interior.

O mundo social é, naturalmente, bastante remoto em relação à experiência original de duração pura. Torna-se um mundo espaciotemporal preenchido por semelhantes, coisas dotadas de nome e ações que podem ser expressas linguisticamente. Dentro da realidade permeada pela linguagem não há acontecimento de que esta não se possa apoderar. Nesse sentido, a linguagem torna-se um contexto objetivo de sentido, o qual permite uma atividade interpretativa que ocorre na própria esfera da conversão social (Schutz, 1982, in Correia, 2005, pp112/113).

Ora daqui podemos extrair que “a linguagem constrói o mundo na sua tipicidade sendo por isso o meio tipificador por excelência através do qual se constrói o conhecimento socialmente relevante” (Schutz, 1962, in Correia, 2005, p.115) e que supera a experiência individual transcendente. Há assim uma clara incongruência da linguagem com experiências que, segundo os investigadores, introduzem nas pessoas estados modificados da consciência (Moura, 2003). É verdade que o próprio indivíduo, sujeito da experiência, assume códigos linguísticos socialmente instituídos como forma a mediar e a comunicar a sua vivência. No entanto, essa codificação adultera e amputa aquilo que foi a idiosincrasia da experiência.

Em termos sociais, existem, deste modo, diferentes ordens simbólicas: a ciência, a arte, a religião, a política e a filosofia. A cada ordem simbólica estão associadas diferentes tipificações e diferentes sistemas de relevâncias. Nesta lógica, cada grupo terá os seus significados particulares sendo que a comunicação, à partida, só é possível entre pessoas e grupos sociais que tenham o mesmo sistema de relevâncias (Correia, 2005). A influência da teoria

dos subuniversos de William James, em Alfred Schutz, é aqui nítida, estando aliás subjacente no conceito de províncias finitas de sentido (Pinheiro, 2007). O tecido da realidade é múltiplo e existem muitos corpúsculos de conhecimento que nele orbitam. A proporção de realidade que concedemos a cada subuniverso está dependente do interesse que esse campo tem para nós no contexto espaço-temporal específico em que nos encontramos. As características de uma província finita de sentido não podem ser aplicadas ao estudo de outra província. Temos que escolher uma das províncias de realidade.

As narrativas que caracterizam fenómenos anómalos como sendo do domínio científico-tecnológico ou do domínio religioso obedecem, desta forma e olhando aos exemplos concretos já abordados, a tipificações resultantes de construções sociais tendo por base constrangimentos económicos, ecológicos, das relações de força política, de distribuição social do conhecimento e das estruturas simbólicas e do imaginário.

4. A COMUNICAÇÃO DE MASSAS E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA MITOLOGIA

Para a compreensão da interpretação atual dos fenómenos que temos vindo a discutir não podemos deixar de analisá-los à luz das lógicas comunicativas e mediáticas da sociedade globalizada dos dias de hoje. Os quadros interpretativos das sociedades sempre obedeceram às dinâmicas sociais e às lógicas de poder presentes em cada época. No mundo atual caracterizado pela cobertura mediática, a improbabilidade de ocorrência de um acontecimento tem bastantes hipóteses de projetar esse mesmo acontecimento como noticiável e digno de notoriedade. Como expressa Adriano Duarte Rodrigues (1993), a inversão da normalidade das coisas dá-se através de um acidente que reage à normal sucessão dos factos. A racionalidade moderna e o discurso jornalístico atuam no processo de enquadramento e regulação social do fenómeno. Deste modo, os meta-acontecimentos que irrompem na cobertura jornalística dão-se como acontecimentos inseridos numa ordem discursiva e numa representação cénica regidas pelo mundo simbólico e pelo mundo da enunciação. Existe um devir de discurso espetacular que faz parte do próprio caráter apelativo e atrativo imposto pela ordem mediática. Ainda assim, ocorre, muitas vezes, da parte da audiência, uma crença acrítica numa verdade universal e anistórica derivada de uma sociedade ainda muito marcada pelos valores positivistas e pela ideia de infabilidade do jornalista. Neste sentido, desenvolve-se a produção de um estado de coisas e uma aceitação passiva de uma determinada significação. Aos *media* cabe mesmo a função de organizar a experiência fragmentada e aleatória e de lhe conferir racionalidade (idem).

O aprofundamento do estudo da teoria da comunicação de massas é importante para nos desvendar a teia de relações comunicativas, económicas e políticas atualmente existentes e que produzem o imaginário que invade a nossa vida quotidiana. Denis McQuail (2003) não deixa de referir, nos seus trabalhos, lógicas de imperialismo cultural que segundo muitos autores regem o mercado dos *media* a nível internacional. A hegemonia económica

que existe no planeta, do norte em relação ao sul, repercute-se nos produtos de informação e de entretenimento que são vendidos em grandes pacotes pelas grandes cadeias empresariais de *media* e audiovisual. É verdade que em cada sociedade, em particular, a influência cultural externa origina diferentes fenómenos. Para além das lógicas de aculturação e homogeneização também se desenvolvem fenómenos de hibridização e/ou de resistência. Muito se joga na relação dialética das forças centrípeta (que apela à coesão da sociedade) e centrífuga (que apela à fragmentação da sociedade) que se dá no contexto local em face da repercussão dos fenómenos de circulação de informação à escala global (idem; Miller, 1996). Associados aos grandes blocos emergentes, também já começam a surgir polos de influência contra-hegemónicos, na área dos *media*, em relação àquilo que tem sido o domínio da cultura norte-americana. A análise da forma como os elementos de diferentes origens socioculturais se hibridizam em cada contexto particular poderá ser da maior relevância para compreender a interpretação fenomenológica de experiências e fenómenos anómalos. De qualquer forma, como expressa Walter Lippmann (1922/2003) a propósito da construção dos estereótipos, dada a efemeridade do tempo biológico em relação ao tempo geológico e universal, a visão humana é uma visão parcelar que está de acordo com as concepções possíveis em cada época. As nossas opiniões são reconstruções daquilo que os outros nos narram tendo também por base o nosso papel enquanto observadores seletivos e criativos. O estereótipo tende a produzir-se através de um processo de concreção e diferenciação mantendo uma estabilidade de significado que fará o contrário permanecer vago e mutável. Só que a verdade é mais ampla do que os nossos códigos morais, filosofias sociais e relações políticas até porque olhamos o passado à luz do presente. No entanto, um ataque aos estereótipos parece-nos um ataque aos pilares do nosso universo pois eles são parte estruturante da nossa realidade. As narrativas tipificadas, tendo como génese relações dominantes no campo político, económico e social, são então difundidas nos canais de informação e de entretenimento, incluindo na arte.

Roger Silverstone (2007) adverte que através dos *media* somos investidos num espaço moral que reflete a forma como os outros chegam até nós e ao mesmo tempo convida a audiência (potencial cidadão) a uma resposta moral equivalente. Dá como exemplo toda uma retórica sobre o bem e o mal, que se difundiu na sociedade norte-americana após os ataques terroristas do 11 de setembro, visando o outro, em particular o estrangeiro de outra cultura e religião. Tal retórica terá tido desde logo os seus antecedentes num guião que foi passando para a opinião pública nomeadamente através do aparelho ideológico de Hollywood em que, por exemplo, os filmes catástrofe e de ficção científica (muitos deles recorrendo a O.V.N.I.S. e ET's) preparavam a audiência para o cenário de um grande ataque infligido aos E.U.A. mas sequenciado da devida resposta militar. Silverstone destaca o filme "O Dia da Independência" em que o ataque das forças alienígenas a locais símbolos da América em tudo faz lembrar o cenário do ataque às torres gémeas do World Trade Center que aconteceria na realidade poucos anos depois. Tais acontecimentos revelam fenómenos de sincronicidade dada a forma, tanto consciente como inconsciente, como a mentalidade dominante se reproduz nas formas artísticas chegando a antecipar eventos da realidade. Tal visão vai ao encontro da ideia de que os *media*, nos seus vários canais, constroem uma

nova mitologia (Rodrigues, 1993) mas com objetivos de reprodução e segregação social em concordância com a ordem dominante.

5. CONCLUINDO SOBRE A ABORDAGEM JORNALÍSTICA AO FENÓMENO DA SINGULARIDADE

Citando Maurice Merleau-Ponty, a propósito das relações do filósofo com a sociologia,

Sòmente na atitude filosófica se tornam concebíveis ou mesmo visíveis estas inversões, estas «metamorfoses», esta proximidade e esta distância do passado e do presente, do arcaico e do «moderno», este virar-se sobre si próprios do tempo e do espaço culturais, esta perpétua superdeterminação dos acontecimentos humanos que faz com que, qualquer seja a singularidade das condições locais ou temporais, o facto social nos apareça sempre como variante de uma única vida de que a nossa também faz parte, e que todo o outro seja para nós um outro nós próprios (Merleau-Ponty, 1962, p.168).

Esta afirmação de Merleau-Ponty visa defender a abordagem da filosofia, numa matriz fenomenológica, na interpretação dos fenómenos sociais. Numa influência claramente kantiana, Merleau-Ponty afirma que as significações da palavra são sempre ideais e como tal a sua expressão nunca é total. A tematização do significado é resultado da palavra. A construção desta tematização dá-se de forma contínua, dialética e tendo como referência o esquema interpretativo predominante no presente. Também Bernhard Waldenfels (2011), em “Phenomenology of the Alien”, refere que a cultura, a sociedade, o ambiente ou forma de vida impõem limites através de proibições e de restrições ao entendimento que limitam o nosso pensamento. Neste sentido, recuperando Alfred Schutz, muitos dos fenómenos aqui em debate encontram semelhanças com a formação da personalidade onírica e do mundo dos sonhos:

São recordações, retenções e reproduções de experiências volitivas que resultaram do mundo da vida. Reapareceram agora, modificadas e reinterpretadas de acordo com o esquema de referência predominante no tipo de sonho em questão (Schutz, 1962, in Pinheiro, 2007, p.118).

Mário Simões, psiquiatra da Universidade de Lisboa, no contexto de uma investigação multidisciplinar aos fenómenos de Fátima, realça que os estados modificados da consciência, induzidos por este tipo de experiências, se assemelham a um estado de transe em que “a totalidade do campo visual é substituída, com superimposição, por uma única alucinação, desaparecendo a perceção do ambiente real circundante” (Green e Leslie, 1987, in Simões, 2003, pp.56/57). Nesta lógica, há quem destaque que este tipo de experiências são puramente subjetivas (Meessen, 2003). No entanto, há também quem lembre, baseando-se em vários casos de aparições marianas e de estados modificados da consciência, que da parte das entidades comunicantes existe uma adaptação da mensagem aos padrões culturais e aos conteúdos mentais das pessoas envolvidas na receção da mesma (Fernandes,

2003; Rodrigues, 2003). Relembrando toda a interpretação popular surgida à volta de Fátima, podemos tirar a conclusão que, para além das experiências de carácter individual e subjetivo, estes fenómenos também têm associados a si quadros interpretativos de natureza coletiva e social o que aliás vai ao encontro da dinâmica contínua e dialética da matriz filosófica fenomenológica. No entanto, o conceito de “alucinação” como explicação para os fenómenos, visto de forma isolada, torna-se redutor. O carácter subjetivo e intersubjetivo das experiências pessoais não implicam que os fenómenos não tenham uma substância e uma realidade próprias. São inúmeros os exemplos que apontam a transversalidade histórica e cultural dos avistamentos “O.V.N.I.S.” Em 1556 os habitantes da cidade de Bâle, na Suíça, assistiram aos “prodígios celestes” de várias esferas a dançarem nos céus, algo que até ficou gravado em pintura (Fernandes, 1998).

O termo singularidade, que tem migrado entre a fenomenologia e a astrofísica, nesta última área, define qualquer ambiente físico, real ou hipotético, onde as condições são tão extremas (em termos de massa, tamanho, curvatura e características do tecido do espaço-tempo) que as leis da física, em particular da mecânica quântica e da relatividade geral, aplicadas de forma isolada, dão erro (Greene, 2011). Ora quando se retira a epiderme interpretativa, fundada em construções espaço-temporais, dos fenómenos em debate, deparamo-nos com um espaço de desconhecimento e de incerteza dadas as limitações da visão e da compreensão humana. Qualquer conjuntura explicativa que se possa fazer em relação aos fenómenos da singularidade será sempre uma imagem virtual ou uma imagem refletida na superfície do espelho (Meessen, 2003). Transpondo isto para a abordagem jornalística a este tipo de fenómenos, a dimensão ética deste trabalho, como corrobora Mário Mesquita (2000), implica, na linha dos trabalhos de Paul Ricoeur, a assunção da subjetividade na investigação levando à reconstrução e explicação dos acontecimentos por parte do jornalista. A não decomposição do mito da imparcialidade e da objetividade do jornalista leva, por parte deste, à absorção da carapaça de constructos sociais que revestem as tipificações sobre estes fenómenos. Constructos esses que estão imbuídos em narrativas de dominação, violência e segregação de acordo com o *status quo* social (seja a narrativa de matriz religiosa, política ou científico-tecnológica). No caso da reportagem do jornal *O Século*, sobre o milagre do Sol em Fátima, parece-nos, por exemplo, que o jornalista assumiu no relato dos eventos uma postura de cautela e de seriedade que se adequa à cobertura deste tipo de acontecimentos. Tendo em conta que a reportagem foi escrita logo na sequência do ocorrido e tendo em conta a limitação dos conhecimentos científicos que na época existiam sobre este tipo de fenómenos, o jornalista tem a preocupação de distinguir as diferentes visões presentes no local, incluindo a sua, não escamoteando outras visões, que até poderiam ir contra a matriz editorial, de carácter positivista, do seu jornal. Teve também a preocupação de descrever as circunstâncias em que tudo se passou (número de pessoas presentes no local, a sua proveniência, condições climáticas, etc.) de modo a evidenciar a complexidade das ocorrências. O jornalista, em suma, não apresenta, em absoluto, uma visão pré-definida ou definitiva daquilo que realmente se passou na Cova da Iria. A única referência a uma possível explicação, a alusão a um eclipse, é deixada em suspenso pela variedade de relatos que se seguem sobre os acontecimentos.

Transportando isto para os nossos dias, em que muitas vezes a comunicação social, de modo a obedecer a lógicas de mediatização, assume discursos simplistas e redutores, o desenvolvimento de uma ação ética na reportagem dos fenómenos da singularidade terá que desconstruir estereótipos e ideias pré-concebidas, mediante diferentes referenciais de análise, implicando a assunção de um campo de incerteza e de imprevisibilidade no discurso jornalístico. A objetividade jornalística terá que ser, desta forma, compatível com a pluralidade e com a subjetividade dos elementos presentes de modo a não se perder em visões parciais quanto as evidências dos factos afastam, pelo menos num primeiro momento, a obtenção de conclusões sólidas.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A.** (1917). Como o Sol bailou ao meio-dia em Fátima. (Em linha). Disponível em <http://www.edicomail.net/edicomail/mapa/..%5Cdocumentos/milagre.pdf>. (Consultado em 18/05/2014).
- ARMADA, F. E FERNANDES, J.** (1982). *Intervenção extraterrestre em Fátima – as aparições e o fenómeno O.V.N.I.* Amadora, Livraria Bertrand.
- ARMADA, F.** (1980). *Fátima: o que se passou em 1917.* Amadora, Livraria Bertrand.
- COOK, R.** (2003). O fenómeno de «abdução alienígena» e as experiências religiosas. In: Fernandes, F., Fernandes, J. e Berenguel, R. (Org.). *Fátima e a Ciência – Investigação multidisciplinar das experiências religiosas.* Lisboa, Ésquilo, pp. 155-165.
- CORREIA, J.C.** (2005). *A teoria da comunicação de Alfred Schutz.* Lisboa, Livros Horizonte.
- CURADO, M.** (2009). A filosofia dos O.V.N.I.S. In: Fernandes, J. (Org.). *De outros mundos: portugueses e extraterrestres no século XX.* Lisboa, Planeta Editora, pp. 261-274.
- DEM, M.** (1998). *O terceiro segredo de Fátima.* Lisboa, Planeta Editora.
- FERNANDES, J.** (2003). Aspetos físicos das experiências de «Aparições Marianas» de Fátima, 1917 – Sistematização e modelização preliminares. In: Fernandes, F., Fernandes, J. e Berenguel, R. (Org.). *Fátima e a Ciência – Investigação multidisciplinar das experiências religiosas.* Lisboa, Ésquilo, pp. 13-23.
- FERNANDES, J.** (1998). O.V.N.I.S., Objetos Voadores Não-Identificados. In: Seleções do Reader's Digest (Ed.). *Portugal Misterioso.* Lisboa, Seleções do Reader's Digest, pp. 138-175.
- GREENE, B.** (2011). *The Hidden Reality - Parallel Universes and the Deep Laws of the Cosmos.* New York, Alfred A. Knopf - Random House, Inc.
- LIPPMANN, W.** (2003). *La opinión pública* (B.G. Zubimendi, Trad.). Madrid, Cuadernos de Langre. (Obra original publicada em 1922).
- MCQUAIL, D.** (2003). *Teoria da comunicação de massas.* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MEESSEN, A.** (2003). Aparições marianas e «milagres do sol». In: Fernandes, F., Fernandes, J. e Berenguel, R. (Org.). *Fátima e a Ciência – Investigação multidisciplinar das experiências religiosas.* Lisboa, Ésquilo, pp. 25-49.
- MERLEAU-PONTY, M.** (1962). *Sinais.* Lisboa, Editorial Minotauro.

- MESQUITA, M.** (2000). Em louvor da santa objetividade. In: *Jornalismo e Jornalistas*, n.1, Jan-Mar, pp. 22-27.
- MILLER, D.** (1996). The young and the restless (Los jóvenes y los inquietos) en Trinidad - Un ejemplo de lo local y lo global en el consumo de masas. In: Silverstone, R. e Hirsch, E. (Ed.). *Los efectos de la nueva comunicación – El consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia*. Barcelona, Bosch Casa Editorial, pp. 237-262.
- MOURA, G.** (2003). Evolução e expansão da consciência: uma nova abordagem transpessoal na pesquisa de experiências extraordinárias. In: Simões, M., Resende, M. e Gonçalves, S. (Coord.). *Psicologia da Consciência*. Lisboa, Lidel, pp. 117-232.
- PINHEIRO, B.M.** (2007). *Elementos para uma compreensão das estruturas do mundo social no pensamento de Alfred Schütz*. Porto, Campo de Letras.
- RODRIGUES, A.D.** (1993). O acontecimento. In: Traquina, N. (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa, Veja, pp. 27-33.
- RODRIGUES, V.** (2003). Estados modificados de consciência em Fátima. In: Fernandes, F., Fernandes, J. e Berenguel, R. (Org.). *Fátima e a Ciência – Investigação multidisciplinar das experiências religiosas*. Lisboa, Ésquilo, pp.51-54.
- SILVERSTONE, R.** (2007). *Media and morality: on the rise of the mediapolis*. Cambridge, Polity Press.
- SIMÕES, M.** (2003). Transe(s) em Fátima. In: Fernandes, F., Fernandes, J. e Berenguel, R. (Org.). *Fátima e a Ciência – Investigação multidisciplinar das experiências religiosas*. Lisboa, Ésquilo, pp. 55-62
- WALDENFELS, B.** (2011). *Phenomenology of the alien: basic concepts*. Evanston, Northwestern University Press.